

Diálogo com o tempo

Josimey Costa ()*

O choro soou alto. Como de costume, não o ouvi através dos tímpanos, mas diretamente das fibras nervosas. Aquele som provocava uma descarga de adrenalina que me punha em pé antes mesmo que eu pudesse raciocinar. Em pé, no entanto, eu parei. Fiquei ouvindo a noite, arrodada de sombras. A claridade que entrava era apenas a da lâmpada do poste, que se filtrava através das venezianas. Não havia choro algum. Não mais.

Sentei com cuidado na beirada da cama, com muito cuidado, como se um movimento mais brusco fosse interromper outros sons. Eu tinha certeza de que, se pudesse ver-me no escuro, encontraria meus olhos arregalados. O sono não voltaria tão cedo. Mesmo que voltasse, aquele choro não me deixaria dormir. Quantas vezes eu adormecesse, tantas voltaria a ouvi-lo, com a mesma agudez. Era melhor ficar assim.

Devo ter adormecido. Sim, foi isso: um sonho. A porta do meu quarto se abriu e lá fora o sol já estava muito quente. O corredor estava tão iluminado que minhas pupilas dilatadas sofreram com a súbita luz. E havia música, conversas, arrastar de pés e cadeiras. E vozes. Vozes de criança, que se destacavam entre todos os outros ruídos. O tom agudo, pensei. Eu continuava na minha cama, o quarto permanecia escuro, mas o resto da casa tinha como que se transportado para o lado de fora, para a rua.

Mais uma vez, naquela noite, eu me levantei. Os chinelos estavam do lado da cama, o chão era frio, mas eu não os calcei. Queria estar bem acordada, e era importante o contato com o solo. Só que nem assim o sol saiu da noite ou o silêncio voltou a ocupar o lugar daquela algaravia que tomava toda a casa. À medida em que eu me aproximava da porta, a luz parecia mais forte, os sons mais altos, contrariando toda lógica. Eles deveriam ir sumindo, morrendo até eu chegar a um corredor completamente vazio e indistinguível. Assim que eu cruzei o umbral da porta, porém, um golpe de vento muito forte obrigou-me a fechar os olhos e, zunindo em meus ouvidos, abafou os outros ruídos.

Quando abri novamente os olhos, era manhã. Não a manhã imediatamente posterior à noite que eu vivera, mas uma manhã anacrônica. Meus cabelos tinham crescido e eu percebia com muito mais força a gravidade atuando sobre o meu corpo. Sentia-me comprimida ao solo. Examinei cada canto do corredor deserto, o quarto atrás de mim e a porta fechada à minha frente. Atravessei o corredor, abri a porta e vi o quarto onde tantas coisas velhas estavam amontoadas. Percorri a casa inteira, bem devagar. Nem sinal da profusão de claridade e barulho daquela noite.

Hoje posso dormir a noite inteira, mas nem assim o sono vem. Eu o perdi completamente entre aquela noite tão distante e esta manhã em que o sol não se põe nunca e que não me guarda mais nenhum choro.

(*) A autora é jornalista e professora de comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.